

Do prazer ao pensamento crítico em *Harry Potter*

Milena de Azeredo Pacheco Venancio

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

E-mail: milena.pacheco@gmail.com

Alexandre Farbiarz

Docente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

E-mail: alexandre.farbiarz@gmail.com

Resumo: A proposta deste artigo é discutir a construção de um pensamento crítico em jovens através da difusão de narrativas elaboradas por fãs de cultura *pop*. Serão considerados para análise *fanfics* e memes sobre política e sociedade que se encontram na Internet e estão ligados à obra *Harry Potter*, em articulação com estudos sobre educação, letramento midiático e cultura.

Palavras-chave: educação; *Harry Potter*; memes; *fanfics*.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the developing of critical thinking in young people through the dissemination of narratives created by pop culture fans. *Fanfics* in general and memes on politics and society, found on the Internet and associated with fantasy novel series *Harry Potter*, were considered for the analysis. This discussion is articulated with studies on education, media literacy and culture.

Keywords: education; *Harry Potter*; memes; *fanfics*.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da internet, é cada vez mais comum a expansão de universos ficcionais por leitores a partir de novas perspectivas das narrativas e personagens do enredo, através de *fanfics*¹ e memes², por exemplo.

Tais formas de uso das obras ficcionais estabeleceram novos meios de construção crítica, a partir de um conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes materiais em diversos gêneros e mídias, para a discussão de variados temas. Assim, o público, que também é consumidor, passa a utilizar as novas tecnologias para se envolver com as mídias tradicionais, “encarando a Internet como um veículo para ações coletivas – solução de problemas, deliberação pública e criatividade alternativa”³.

Em *fanfics* e memes, várias vezes há abertura à discussão de questões de interesse coletivo, como o debate sobre formas de preconceito e apoio a

Recebido: 07/12/2016

Aprovado: 30/06/2017

1. *Fanfic* (*fanfiction*, ou mesmo *fic*) é uma narrativa de ficção criada por fãs com a intenção de estabelecer narrativa paralela à história original.

2. Imagem, vídeo ou texto que, geralmente, utiliza humor para fazer referência a tema ou situações inusitadas que se espalham rapidamente pela Internet.

3. JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009, p. 235.

movimentos sociais. Um exemplo está nas discussões incitadas pela série *Harry Potter*, que trata “muito explicitamente com questões de Educação (muitas vezes dando voz aos direitos das crianças, em detrimento de restrições institucionais”⁴).

Assim, quando os fãs dão continuidade a determinadas histórias, além da curiosidade por questões que o enredo desperta, mas não responde, há o desejo de dar sequência à narrativa⁵. A criação de *fanfics* e memes se dá, assim, por uma necessidade provocada pelo prazer do contato com a obra, bem como pelo interesse em discutir, sob o próprio ponto de vista, questões apresentadas na história. Nesse sentido, então, há um potencial educativo para o público. Afinal, educar é causar um estranhamento no indivíduo que o leve à possibilidade de pensar sobre algo⁶.

Entretanto, ao se aproximar entretenimento e educação, propondo possibilidades de discussão de pautas sociais a partir de produtos midiáticos, há de se considerar, também, desigualdades no acesso às diferentes mídias, bem como as características que definem o interesse em prolongar determinada história através de novas narrativas.

Assim sendo, propõe-se, com este artigo, discutir possibilidades de construção de um pensamento crítico em jovens através da difusão de narrativas de *fanfics* e memes. A partir disso, busca-se fazer uma análise crítica das relações de aproximação entre produtos da indústria cultural como *Harry Potter* e a educação.

2. UMA VISÃO SOBRE FANFICS E MEMES

Um detalhe importante para compreender o sucesso de narrativas como *fanfics* e memes está no fato de que, segundo os fãs, essas narrativas se relacionam com sua visão particular de mundo⁷. Logo, histórias de ficção como as de *Harry Potter* podem contribuir para desenvolver um pensamento crítico nos fãs, uma vez que lhes inspiram a participação, com opiniões, em variados temas abordados na produção das próprias narrativas. Essa forma de lidar com a mídia auxilia a desenvolver diferentes habilidades nos jovens⁸. Permite que, por meio da ficção, eles reflitam sobre questões do cotidiano, especialmente aquelas com as quais se identificam.

A empatia causada pelo fato de os personagens e a estrutura narrativa amadurecerem à medida que os livros e filmes avançam, acompanhando o amadurecimento do público-alvo, favorece a identificação, além de a narrativa se passar em ambiente escolar. Nesse sentido, a obra permite que os jovens relacionem o enredo com suas experiências representadas na série: preocupações com os estudos, hierarquia escolar, relações com amigos e diferentes professores – ora queridos, ora questionados, ora antipáticos.

Na página “Hogwarts vai virar Cuba”⁹, as construções narrativas giravam em torno de uma suposta Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts socialista. Assim, através de memes, reproduziam reflexões sobre o cotidiano, influenciando a discussão política entre os jovens que seguiam a página.

4. Idem, p. 237.

5. JENKINS, Henry. Lendo criticamente e lendo criativamente. *Matrizes*, São Paulo, a. 6, n. 1, jul./dez. 2012. p. 11-24. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/48047/51801>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

6. SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2013.

7. SÁ, Simone. *Fan-fictions, comunidades virtuais e cultura das interfaces*. *Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP-8SA.pdf> Acesso em 21 mar. 2017.

8. Idem, *ibídem*.

9. Quando da elaboração deste artigo, a página “Hogwarts vai virar Cuba” estava ativa no Facebook, porém, foi deletada recentemente. Alguns arquivos se encontram em publicações de outras páginas afins. Além disso, quando começou a fazer sucesso, foram publicadas matérias sobre a *fanpage*, o que também preserva alguns arquivos. No site HuffPost Brasil, por exemplo, foi publicada uma matéria em maio de 2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/05/04/hogwarts-vai-virar-cuba-p_n_7204610.html>. Acesso em: 24 out. 2016.



Figura 1: Em postagem de 25 de janeiro de 2016, o professor Remo Lupin ensina sua “Defesa contra a arte das trevas” ao aluno Neville Longbottom.

O professor na imagem dá aula aos alunos da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, na disciplina “Defesa contra as artes das trevas”. Na cena reproduzida no meme, o professor utiliza o exemplo de um bicho-papão¹⁰ para que os alunos treinem a execução do feitiço *patrono*, no qual a forma prateada de um animal se materializa, protegendo os bruxos bons das ações de vilões e outras criaturas más.

No caso do meme, o ser “das trevas” é a “heterofobia”, em uma crítica ao termo popularizado pela parcela homofóbica da sociedade, que busca inverter a relação de preconceito que os homossexuais¹¹ sofrem constantemente, como se estes fossem privilegiados e preconceituosos em relação aos héteros.

De modo a enfatizar a descrença nessa linha de raciocínio, é dito no meme que a heterofobia não existe, e o aluno deve chamá-la de ridícula, associando-a a um feitiço com o nome de “riddikulus”, que se assemelha a outros nomes de feitiços criados pela autora de *Harry Potter*¹².

Um fator importante no contato com os memes é a complementaridade entre imagens e textos. A utilização de cenas dos filmes remetia àquele momento narrativo e a outras cenas ou personagens relacionadas à situação apresentada, pois, assim, as referências no texto se tornavam mais claras. No exemplo da Figura 1, não é necessário contextualizar para os fãs que se trata de uma cena em que aparece um bicho-papão e são treinados feitiços, pois isso já é transmitido pela imagem. Foram unidas, portanto, características de diferentes contextos para propiciar uma reflexão sobre a problemática do preconceito, de modo a impactar, através de uma nova narrativa, os fãs da série.

10. Na história de *Harry Potter* o bicho-papão é um ser real, capaz de se transformar naquilo que a pessoa que o confronte mais tema.

11. Embora haja uma discussão acerca do uso do termo “homossexual”, muitas vezes sendo sugerido o termo “homoafetivo” em seu lugar, não se entrará nessa questão, uma vez que isso demandaria outros estudos paralelos, o que não é o foco deste artigo. Será mantido, portanto, o uso da palavra “homossexual” neste texto, considerando-a equivalente a “homoafetivo”.

12. Muitos feitiços em *Harry Potter* fazem referência a palavras em latim, sendo alguns de sonoridade parecida com a da palavra utilizada no meme. Ver “O que significam, em latim, os feitiços de Harry Potter”. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/o-que-significam-em-latim-os-feiticicos-de-harry-potter/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

13. Movimento criado em 2004 e definido pelo objetivo de combater uma “doutrinação marxista” que, segundo os representantes do movimento, existe nas escolas. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

14. Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts: instituição em que Harry estuda e onde conhece seus melhores amigos. É dividida em quatro casas que abrigam, cada uma, um grupo de alunos: Corvinal, Grifinória, Lufa-lufa e Sonserina, nomes dados em homenagem aos sobrenomes de cada bruxo fundador da escola. As casas disputam entre si o campeonato de quadribol ao longo do ano.

15. Lord Voldemort: principal vilão da história. Tem um plano de poder que busca eliminar todos aqueles que não são bruxos de sangue puro. Seu nome verdadeiro é Tom Riddle.

16. Hermione Granger: uma das melhores alunas da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. É esperta e exigente, além de ser a melhor amiga de Harry. É uma das personagens que sofre mais preconceito na história, por não ser considerada de “sangue puro”.

17. Postagem de usuário reproduzida na página *Quebrando o tabu* em 27 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/quebrandoatabu/posts/981735851882802>> Acesso em: 10 ago. 2016.

18. PUGH, Sheenagh. *The democratic genre: fan fiction in a literary context*. Londres: Seren, 2006.

19. JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009, p. 248-249.

Em outro momento, partindo da falácia de “doutrinação de esquerda” nas escolas brasileiras, criada com o Movimento Escola Sem Partido¹³, um fã de *Harry Potter* fez uma analogia em postagens no Facebook que comparavam a proposta do movimento com características de personagens e momentos do enredo, criando um texto com características de *fanfic*.

Hogwarts¹⁴ 2015:

- Bom dia alunos, hoje vamos estudar História da Magia Contemporânea. Podem abrir os livros ai na página 314.
 - ... Professor, “queda de Voldemort¹⁵?”
 - Isso, hoje vamos estudar como Harry Potter derrotou Voldemort.
 - Ih... Já vi que esse “professor” é Pottista.
 - Como é?
 - É, Pottista, fica ai fantasiando como o mundo com “Potter” é melhor.
 - Não criança, eu vivi o tempo da guerra, falaremos só sobre fatos.
 - Pff... fatos... fatos contados pela esquerda potista né?
 - Esquerda potista?
 - É, esses loucos que se vestem de vermelho fazendo alusão a Grifinória. Deviam ser presos.
 - Presos? Por quê? O Potter salvou o mundo mágico, derrotou junto com seus amigos a ameaça de Voldemort...
 - Salvou?? Depois que a Hermione¹⁶ libertou os elfos domésticos, sabe quanto custa manter um em casa, com esses direitos trabalhistas? Um absurdo...
 - É, mas antes o que os bruxos faziam era escravidão, sem nenhuma consideração com os elfos!
 - Nah... antigamente era melhor... vou começar a fazer uma campanha... “Volta Voldemort”.
 - Pois você acaba de perder 15 pontos para sua casa.
 - VOCÊ ESTÁ DOCTRINANDO OS ALUNOS? MEU PAI NÃO ACEITA QUE ESSES PROFESSORES POTTISTAS FAÇAM DOCTRINAÇÃO EM SALA DE AULA!
 - Menos 20 pontos.
- Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.¹⁷

No segundo exemplo, que não é acompanhado de imagens, houve a criação de uma nova narrativa sobre política brasileira, com referências à série *Harry Potter*. O autor parte da ideia de que os leitores compreenderiam a ficção ali criada a partir de seu conhecimento da história dos livros e filmes.

Tal apropriação aplica as habilidades necessárias para que o jovem discuta assuntos que muitas vezes aparecem de forma bem mais sutil na história original. Segundo Pugh¹⁸, as criações dos fãs nas *fanfics*, de modo geral, se relacionam a duas questões básicas, também interligadas: “E se?” e “O que mais?”.

Assim, *fanfics* e memes são construções narrativas formadoras de letramento midiático, uma vez que se considerem as competências de expressar interpretações e sentimentos em relação a ficções populares, por meio de sua própria cultura tradicional, e de distribuir e compartilhar criações através da Internet, reproduzindo a história de *Harry Potter* em um novo contexto¹⁹.

Ora, se a narrativa, que situa o indivíduo no mundo, é o que articula a experiência humana²⁰, há um caminho seguido pelo leitor desde o contato com o texto até a influência que este passa a exercer, levando aquele à ampliação da narrativa. Seu mundo e o do texto se cruzam, tornando a história contada algo em comum, que direciona suas atitudes a partir daquele momento.

3. EFEITOS E POSSIBILIDADES DE PENSAMENTO CRÍTICO NA DIFUSÃO DE FANFICS E MEMES

Nylund²¹, à luz de Miller²², afirma que a cultura da mídia contribui para que os indivíduos formem suas identidades de acordo com valores hegemônicos. Considerando tal perspectiva, se por um lado *Harry Potter* é uma obra que abre possibilidades para o público desenvolver um pensamento crítico, por outro, é objeto próprio dessa cultura midiática.

Acrescente-se a isso o papel da indústria cultural²³, que tende a desqualificar o conhecimento, idolatrando somente o prazer em suas manifestações mercadológicas²⁴. Nesse contexto, a mídia ocupa lugar essencial. Embora os primeiros livros da coleção *Harry Potter* não tenham sido lançados dentro de uma maior estrutura comercial, o que já não é próprio ao mercado editorial, muito mudou quando a obra virou *best-seller* e chegou ao cinema, levando consigo vários produtos para consumo dos fãs. Esse consumo, pode-se dizer, também é provocado pela necessidade que o público tem de manter contato com a narrativa, transformando-a em mercadoria. Embora não se possa atribuir a esse aspecto uma relação de dominação, de fato atua sobre o gosto do público pela obra. Afinal, de acordo com o pensamento de Kellner²⁵,

[...] a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola, e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento.

Bourdieu²⁶ trabalha com diferentes capitais na construção do gosto, os quais determinariam a distinção: econômico, social, cultural e simbólico. O capital econômico tem relação com o valor de um bem, com a mercadoria como bem simbólico; o capital social diz respeito à forma como o indivíduo se posiciona dentro de um grupo; o capital cultural se refere ao repertório que já é fruto do meio dentro do qual a pessoa cresce; por fim, o capital simbólico se constitui quando é reconhecido pelo outro em função do valor que agrega.

Assim, deve ser considerado também que, no ambiente da Internet, bem como fora do espaço virtual, há diferenças de acesso a formas de construção de conhecimento entre os jovens que são público-alvo de narrativas como *Harry Potter*, bem como à cultura *pop*²⁷ em geral.

Uma questão-chave, levantada por vários autores, concerne ao seu papel no enfrentamento das desigualdades de acesso à tecnologia surgida na sociedade.

20. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 2010.

21. NYLUND, David. Reading Harry Potter: popular culture, queer theory and the fashioning of youth identity. *Journal of Systemic Therapies*, Sacramento, n. 2, p. 13-24, 2007. Disponível em: <<http://guilfordjournals.com/doi/abs/10.1521/jsyt.2007.26.2.13>> Acesso em: 15 mar. 2017.

22. MILLER, Toby. *A companion to cultural studies*. Nova York: Blackwell, 2001.

23. KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

24. SCHNEIDER, Marco. *A dialética do gosto: informação, música e política*. Rio de Janeiro: Circuito/Faperj, 2015.

25. KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001. p. 27.

26. BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern e Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

27. Aqui será considerada a ideia de cultura *pop* como cultura popular, de massa e com alto potencial de consumo.

Acesso, neste sentido, é mais do que disponibilidade de equipamento, ou uma questão de habilidades técnicas: é também uma questão de capital cultural – a capacidade de usar formas culturais de expressão e comunicação.²⁸

Um reflexo dessas desigualdades pode estar no fato de muitos fãs da série ignorarem, ou mesmo se mostrarem contra certos debates que dizem respeito diretamente a população negra, que tende a deter menor capital, em todas as variáveis, por uma série de obstáculos sociais.

A construção de um pensamento crítico nos jovens não abrange causas de viés político indistintamente. Há, sim, reflexão a respeito de várias questões que se inserem no debate sobre preconceito, por exemplo. Mas, ironicamente, quando entrou em questão a presença do negro na obra, muito se discutiu sobre sua validade, a qual era incontestável, uma vez que *Harry Potter*, embora ofereça boas reflexões sobre o preconceito racial, de modo contraditório, tem baixa presença de atores negros.

No final de 2015, houve reação preconceituosa de fãs da série à escolha de uma atriz negra para o papel de Hermione na peça *Harry Potter e a criança amaldiçoada*. Esse caso traz um aspecto interessante à discussão: uma parcela de fãs, embora não se possa dizer que seja a maioria, demonstrou preconceito de raça, exatamente a questão em torno da qual gira toda a história de *Harry Potter*.

Quando foi anunciado o trio de atores que protagonizariam a peça de teatro na Inglaterra, muitos disseram “estranhar” a escolha da atriz Noma Dumezweni para o papel da personagem Hermione, a qual nos filmes é interpretada pela atriz Emma Watson, de pele branca²⁹. Quem questionou a escolha alegou que o estranhamento se deu pelo fato de o público já estar acostumado com uma atriz branca interpretando o papel. No entanto, os fatores que envolvem a discussão são mais complexos e preocupantes.

Originalmente, não há definição para a cor da pele da personagem nos livros da série *Harry Potter*. A informação foi confirmada pela autora J. K. Rowling, ao declarar que Hermione era de “olhos castanhos, cabelo crespo e muito inteligente”³⁰, lembrando aos fãs da série que não se mencionava nada sobre cor da pele. A autora também demonstrou estar satisfeita com a escolha da atriz que, inclusive, já foi premiada no teatro inglês³¹. Além disso, ressalta-se que uma Hermione negra tende a representar com maior veemência o fato de a personagem sofrer preconceito na história por ser mestiça³².

Em meio a essa discussão sobre a cor da pele das atrizes, foi lembrado que, nos filmes *Harry Potter e a câmara secreta* e *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, havia a personagem chamada Lilé Brown era menos expressiva na história, com interpretação de uma atriz negra. Porém, no filme *Harry Potter e o enigma do príncipe*, em que a personagem ganha destaque, coincidentemente ou não, passa a ser interpretada por uma atriz branca, loira e de olhos claros³³.

No entanto, há elementos na série que promovem reflexão sobre determinadas questões sociais, o que a aproxima da construção de um pensamento

28. BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Revista Educação e Realidade*. v. 35, n. 3. Porto Alegre, p. 37-58, set/dez. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077/10270>>. Acesso em: 21 maio 2017.

29. G1. J. K. Rowling aprova Hermione negra em peça de teatro de Harry Potter. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/12/jk-rowling-aprova-hermione-negra-em-peca-de-teatro-de-harry-potter.html>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

30. Idem, ibidem.

31. A atriz Noma Dumezweni já venceu o prêmio Oliver, que reconhece anualmente a excelência do teatro inglês. Ver informação em: *Apresentados atores que viverão Harry Potter, Hermione e Ron na peça “Harry Potter and the Cursed Child”*. Disponível em: <<http://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2015/12/apresentados-atores-que-viverao-harry-potter-hermione-e-ron-na-peca-harry-potter-and-cursed-child.html>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

32. Hermione é constante alvo de preconceito ao ser chamada de “sangue ruim” por determinados personagens, com o objetivo de ofendê-la.

33. Ver *12 personagens de Harry Potter interpretados por mais de um ator*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-118703/7/>>. Acesso em: 27 out. 2016.

crítico e, assim, da educação, mesmo enquanto objeto de entretenimento. Segundo estudo publicado pelo *Journal of Applied Social Psychology*³⁴, foi verificada maior tolerância em relação a certos estratos sociais considerados minoritários, especificamente imigrantes, homossexuais³⁵ e refugiados, a partir do contato com a história³⁶.

Portanto, cabe buscar alternativas para utilizar os benefícios apresentados pela obra de modo a não contribuir ainda mais para a legitimação de um processo hegemônico que é, por fim, nocivo às práticas educacionais e à formação do pensamento crítico. Ainda mais em uma sociedade que já tanto aliena as pessoas e em um momento político no Brasil que permite questionar a formação de indivíduos críticos nas escolas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que os fãs da série constroem pensamento crítico em algum grau, especialmente quando se posicionam contra pensamentos conservadores. Porém, enquanto produto midiático, a obra deve ser observada criticamente, de modo a não acabar reiterando fora da escola as práticas educacionais já existentes e que mantêm a lógica de educação apenas para o trabalho. Da mesma forma, devem ser consideradas as especificidades no acesso à informação e a diversas mídias por jovens pertencentes a diferentes grupos sociais.

Para tal, é necessário entender como se estabelece o letramento de cada grupo a partir de diferentes pautas que a obra apresenta, além de compreender como se dá o gosto que leva ao apego do público à série, percebendo que esse gosto não é somente espontâneo, embora tenha também tal característica. Esse é um ponto de partida para fazer melhor uso dos benefícios que a obra *Harry Potter* e outras semelhantes possam trazer enquanto práticas pedagógicas informais³⁷. Logo, são interessantes estudos mais aprofundados, levando em conta origens e questões sobre reificação e objetivação em produtos culturais como *Harry Potter*, para além da questão da educação e do letramento midiático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set/dez. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077/10270>>. Acesso em: 21 maio 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

34. Vários veículos de comunicação também divulgaram informações sobre o trabalho, como a *Revista Galileu* (disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Psicologia/noticia/2014/07/ler-harry-potter-ensinar-criancas-lutar-contra-o-preconceito1.html>>); *Pacific Standard* (disponível em: <<http://www.psmag.com/books-and-culture/harry-potter-battle-bigotry-87002>>); *Scientific American* (disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article/why-everyone-should-read-harry-potter/>>). Acesso em: 24 jul. 2015.

35. Tradução literal da palavra no texto original ao qual se faz a referência.

36. VEZALLI, Loris et al. The greatest magic of Harry Potter: reducing prejudice. *Journal of Applied Social Psychology*, Reggio Emilia, n. 45, p. 105-121, 2015. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jasp.12279/pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

37. JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. Lendo criticamente e lendo criativamente. **Matrizes**, São Paulo, a. 6, n. 1, p. 11-24, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/48047/51801>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

MILLER, Toby. **A companion to cultural studies**. Nova York: Blackwell, 2001.

NYLUND, David. Reading Harry Potter: popular culture, queer theory and the fashioning of youth identity. **Journal of Systemic Therapies**, Sacramento, n. 2, p. 13-24, 2007. Disponível em <<http://guilfordjournals.com/doi/abs/10.1521/jsyt.2007.26.2.13>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

PUGH, Sheenagh. **The democratic genre: fan fiction in a literary context**. Londres: Seren, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

SÁ, Simone Pereira de. Fanfictions, comunidades virtuais e cultura das interfaces. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP8SA.pdf>. Acesso em: 21 maio 2017.

SCHNEIDER, Marco. **A dialética do gosto: informação, música e política**. Rio de Janeiro: Circuito/Faperj, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VEZALLI, Loris et al. The greatest magic of Harry Potter: reducing prejudice. **Journal of Applied Social Psychology**, Reggio Emilia, n. 45, p. 105-121, 2015. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jasp.12279/pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2016.